

A MINHA TERRA

(Alguns em Portugal Insular)



Mil vezes, do mirante, junto ao mar
toda a vila meus olhos percorreram:
vejo ainda nas ruas, a brincar,
a minha infância, em risos que morreram...

É minha aquela terra onde nasceram
e, certo dia, foram repousar
os meus que eternamente adormeceram
na paz de Deus, mais doce que o luar.

Aquele mar do norte que se espraia,
subindo o areal em que desmaia,
é meu e será meu até ao fim.

É minha aquela espuma que se alteia
nas rochas, a bramar, à lua cheia,
pois tudo isto vive dentro em mim!

Oliveira San-Bento



João Botelho



*Desejamos a todos
um Santo e Feliz Natal
e um excelente ano de 2003*

Dia do Sacerdócio



Convencionou-se denominar assim o dia 6 de Agosto, em que o Reverendo Prior da Matriz da Ribeira

Grande comemora a data festiva da sua primeira missa. Já lá vão dobrados, na voragem do tempo, quarenta e tantos anos em que o então nóvel presbítero subiu pela primeira vez os degraus do altar. Foi isto em 1908, (se não me falha a memória), na encantadora ermida de N. S. das Mercês, Vila da Lagoa.

Daí para cá, dizer quão fecundo há sido o trabalho verdadeiramente apostólico deste obreiro do Senhor, falar do seu entranhado amor pelas coisas da Arte, é tarefa que não me cumpre descrever, pois de todos já é sobejamente conhecida a vida e a figura deste homem ilustre.

No dia 6 de Agosto reúnem-se os padres e os seminaristas, as crianças e os fiéis desta freguesia Matriz, todos congregados em volta do seu pastor desvelado, a rodeá-lo e a aquecê-lo com a sua amizade, simpatia e reconhecimento.

Isto já há vários anos!

Prouve a divina Providência conceder-nos agora mais uma oportunidade para desfrutarmos as suaves delícias que esta data evolva.

Manhã cedo, repicam os sinos em hosanas e aleluias. A missa começa e os tons do órgão, transpassando pelas frestas e portas do templo, caminham a sussurar pelos espaços até morrerem ao longe, suaves como pensamentos do Céu.

Ao Evangelho, discorre o Reverendo Prior acerca das suas emoções e dos



seus anseios, acabando por agradecer aos inúmeros fiéis e às crianças a sua presença amiga e respeitosa.

Quase todos comungam e recebem estampas comemorativas da festazinha. No presbitério é oferecido um almoço aos sacerdotes e seminaristas naturais da freguesia que puderam comparecer. Os outros, são recordados no decorrer da refeição íntima.

A fechar com chave de ouro aquele dia, realiza-se a Hora Santa à noite. Bem digno é o sr. padre Evaristo Carreiro Gouveia dum homenagem assim pública. Seu corpo alquebrado, encimado por cabelos prateados, é raro e vivo exemplo de trabalho em prol da Igreja

fundada por Cristo.

Pioneiro incansável do Bem e da Verdade, íman a atraír-nos para os cumes da Montanha Santa e marco a guiar e proteger nossos passos nas sendas da virtude, o Prior da Ribeira Grande é devedor do nosso sincero preito de homenagem e eterno reconhecimento. É grande, pois, a nossa alegria. Os quarenta e tantos anos de labuta deste insígne sacerdote e amigo irradiam suprema beleza e claridade, que nos encham o coração de celestial confiança e amor.

Bendito seja o que vem em nome de Deus.

Ad multos anos, Sr. Prior

Na foto, aqui incluída, em primeiro plano a contar da esquerda p'rá a direita:

Edmundo Oliveira, Hermínio Pontes, José Ferreira, SR. PRIOR, Fernando Frade e Albano Oliveira, seminaristas.

Em segundo plano, mesma ordem: Padres Artur Paiva, Cristovão Garcia, Dr. Moreira Candelária e Artur Agostinho. Salvo erro, esta fotografia foi "tirada" em Agosto de 1948! Do grupo sobrevivem hoje apenas o Pe. Artur Agostinho, Pe. Joe Ferreira e o Fernando Frade.

Pe. Ferreira Moreno

Celebrando uma data

Apraz-me transcrever a "crónica ligeira" (Aqui, Capital do Norte!) que escrevi há meio século com o nome de J. Filomeno, e que o *Diário dos Açores* publicou aos 12 de Agosto de 1953. (Ferreira Moreno)



Em primeiro plano, de joelhos, a contar da esquerda, Filomeno Araújo Lima; e a contar da direita, Décio Machado Oliveira. (Do Asilo, os três ao centro). Em segundo plano, de pé, o segundo a contar da esquerda, Benjamim Ferreira; e a contar da direita, José Ferreira. O guarda-rêdes e restantes são do Asilo, cujo nomes não me ocorrem à mente.

Visto que eu e meu irmão éramos Seminaristas, usamos calças em vez de calções. Há! Há!

No dia 4 do corrente mês d' Agosto, a nobre e importante vila da Ribeira Grande completou 446 anos de existência. Na verdade, El-Rei D. Manuel I houve por bem elevar este lugar a vila, no dia 4 d' Agosto do

longínquo ano de 1507. Assim se desmembrou da tutela de Vila Franca Franca do Campo esta ridente terra, real metrópole do Norte da ilha do Arcaño, fidalga vila alcandorada em rochas de basalto, batidas por um mar quase sempre agitado.

Esta gloriosa data passou despercebida a muita gente. Não, porém, a um grupo de rapazes que, p'ra honrar a efeméride, se reuniram p'ra um amigável "match" futebolístico.

A assistência não era muita, mas o suficiente p'ra despertar brios e entusiasmos. Como o Sr. presidente da Câmara não comparecesse, deu-se início ao prélio, entre a mocidade radiosa desta terra, figurada nos estudantes do Externato Ribeiragrandense e nos valorosos rapazes do Asilo Escola Agrícola. Houve troca de ramalhetes e uma alocação por um dos componentes dos grupos ali representados.

O desafio decorreu agradavelmente, repleto de lances emocionantes e bem gizados, de parte a parte, o que arrancou da assistência fartos aplausos. E a partida fechou com um empate a duas bolas... um resultado que traduz ao vivo o equilíbrio do jogo!

A assistência retirou-se certamente satisfeita, e os rapazes... também.

Em nome deles, aqui fica exarado o seu

reconhecimento ao popular clube "Ideal" pela cativante gentileza do empréstimo do equipamento necessário a um empreendimento deste género.

Oxalá apareçam sempre boas vontades prontas a secundar actos de tão capital importância na vida dos jovens. É que o desporto, como disse alguém, "múltipla a actividade física, e a actividade física é o sustentáculo da actividade moral. O desporto dá o espírito de combate e de luta que torna valentes os homens, a ponto de nada os fazer recuar.

O desporto dá o gosto do sofrimento, ensina a necessidade do sacrifício p'rá conservação da força. Sobretudo, o desporto - tal qual deve ser entendido: desenvolvimento racional das forças físicas - leva em linha recta ao ideal humano: a vitória da vontade!"

De facto, qual é mais lamentável: ver a mocidade despendendo alegria e vigor nos campos do desporto, ou atrofiando-se nas vias da ociosidade?

A resposta, guarde-a cada um para si.

Pe. Ferreira Moreno

Um bonito jardim

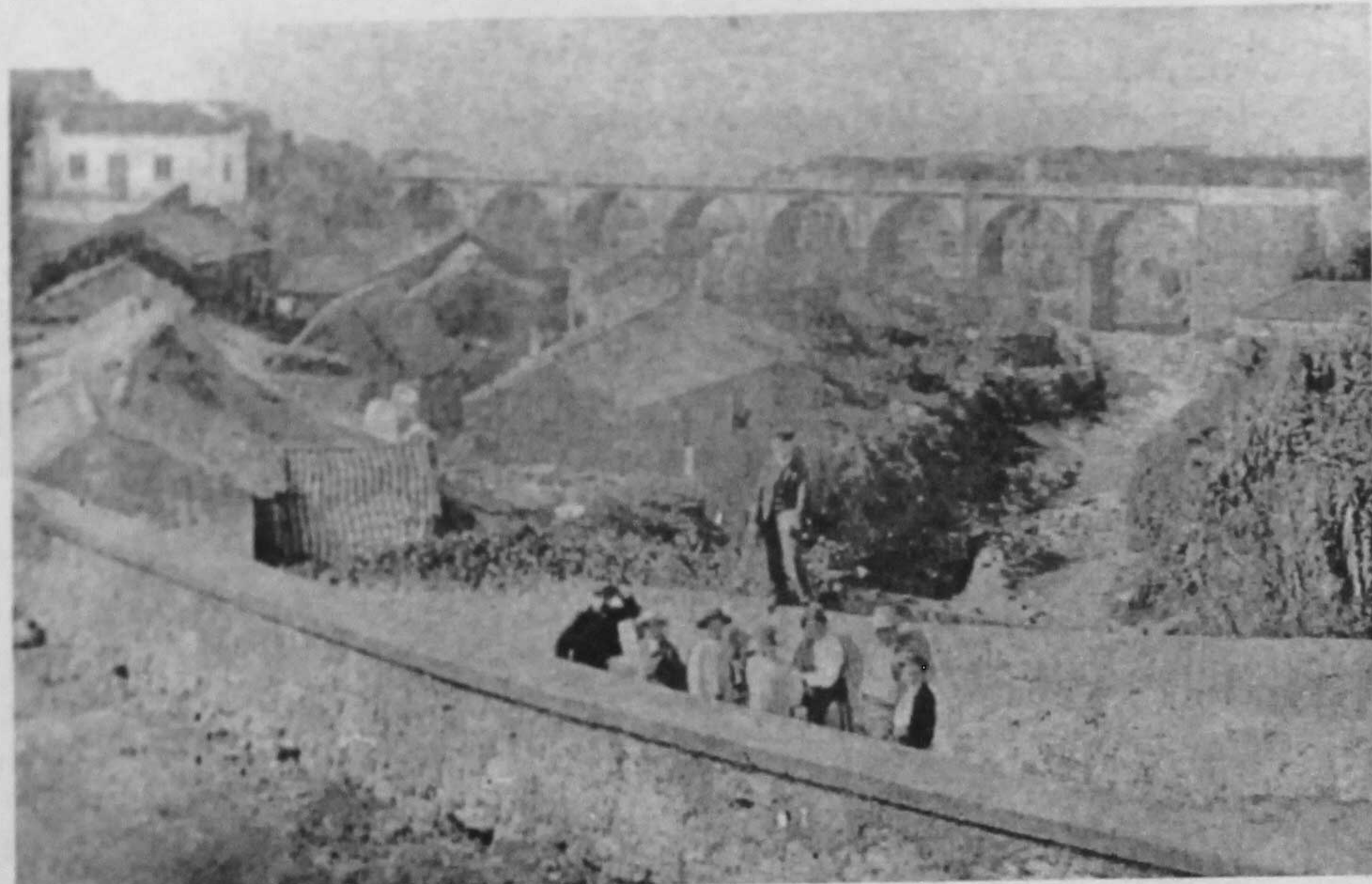


Tão alegre e bem feliz
 Está a linda e velha matriz
 Comparada a outras mais,
 Agora com novo jardim,
 Coisa que se não vê assim
 Por outras terras iguais.
 Tem as árvores que já tinha,
 Joga branca miudinha
 Com riscas pretas compridas,
 Tem trapézios e quadrados
 Triângulos círculos fechados
 Com grande rigor de medidas.
 Linhas mistas perfeitas
 Outras paralelas direitas
 Com muito saber e mestria,
 Tudo tão bem desenhado
 Um verdadeiro tratado
 Da mais sábia geometria.
 Tem pedras daquelas polidas
 De patinadas calçadas,
 Das muitas desaparecidas
 Por insensatez removidas
 Que levaram nossas passadas.
 Lagos cascatas e ponte...
 Com águas vinda do monte
 Em livre queda, cantantes,
 E mesmo com a Virgem ali perto,
 De peito e coração aberto
 Segredarão pares amantes.
 Que bom se acontecesse
 Ali um roseiral crescesse
 E lindas rosas florissem,
 E que as promessas segredadas
 Junto com rosas e de mãos dadas
 Os degraus de altar subissem.
 É bom ver como se expande
 A linda Ribeira Grande
 Com melhoramentos assim,
 Muitos te darão parabéns
 Pelo novo espaço que tens
 Um lindo e bonito jardim.

Ribeira Grande, Setembro 2002, em dia de
 Coração de Jesus
 Laureano Almeida



Fonte Grande



Rua da Fonte Grande

'(...) Basta recordar que aquella obra *monumental*, coeva dos Wisigodos, architectada sob um estylo groenhandico, está ahi para mostrar á geração presente e atestar os vindouros que os nossos antepassados soffreram por largos annos o jugo castelhano, para que ninguem ouse levantar vista ou voz indignada contra o grandioso padrão!

Fonte histórica e milagrosa, que já de tuas bicas saíram chicharros promptos a entrarem na frigideira! Fonte virtuosa, que tens triplice condão de servires de retrete, ourinol, e de refrescar as guelas aguardentadas e resequidas do sol e do resono dos malandrins e matulões, que, de barriga para o ar, dormem a sésta sobre os parapeitos da tua lamacenta plataforma! Tu que já serviste de protexto a alguns mesquinhos forretas, que gostam de gosar á custa alheia, para a queda de um ministerio, porque o seu presidente te mandára tapar!

Tu!...

Onde bebe o publicano,
Do começo ao fim, do anno,
Onde bebe um boticario,
E Onde bebe um notario,
Onde mata a sede um prior
E um civil mandão mor,
Um commendador Dom Chico,
E até mesmo algum burrico!
Todos bebem por igual
Na fonte internacional!
Tu!...

para ESSE, na margem da Ribeira, e para o S, na rua de Gonçalo Bezerra outras fontes, porque a Preguiça, segundo é notorio, tambem morreu com sede á borda d'agua!

Fica-te «em longa paz assim direita,
O' fonte maravilhosa,
O' fonte *monumental*,
Archivo d'obscenidades,
E's «Fonte Internacional»!
(ass) Um que paga mas não gosa.¹

'Por ordem de ex. ma comissão municipal, acaba de ser demolida a tradicional «fonte grande» d'esta villa. O camartello destruidor não poupou aquella reliquia de passado.

A febre delirante dos melhoramentos não transgiu com aquella velharia, e não duvidou transforma-la em ruinas para sobre ellas alicerçar o edificio da sua triumphante realeza.

Não se respeitou a tradição.

Gargalhou-se sarcasticamente sobre as cinzas dos antepassados. Correspondeu-se com a mais feia

Eu te chrismo tambem em – Fonte dos Aromas – porque, depois que tiraram de ao pé de ti um não menos celebre barracão de peixe, adquiriste não só a sua *freguezia*, mas tambem (Sic) a sua *fragancia*. Descança, pois, em paz por todos os séculos, sem fim, e sem que o camartello demolidor jamais possa tocar ao de leve nas tuas egyptiacas pyramides!

Não importa que de ti distem apenas uns duzentos passos para o NO, na sua do Arco, para o NE, no jardim,

ingratidão aos extraordinários beneficios d'aquella hospitaleira fonte. Esqueceu-se que nas suas frescas aguas muitas sêdes se mitigaram nas calmosas tardes de estio, e que o seu elegante alpendre, de rogoroso estylo gothico, acolheu sempre á sua sombra todos os povos, sem distincção de raças, todas as classes sociaes, sem preferencia nem predileções, sem espirito de facção ou politica.

Por isso mais de um olhar de tristeza se tem lançado para aquellas pedras soltas, irreverentemente expostas ao sol como os casos de uma sepultura violada. Mais de uma lagrima de saudade, pela calada da noite, tem cahido silenciosa sobre aquelles escombros desoladores, n'uma derradeira homenagem de respeito, n'uma sincera manifestação de sentimento...

Respeitamos esse doce e poetico sentimentalismo dos que á «fonte grande» tinham alliadas as mais gratas e suaves recordações; mas não podemos deixar de reconhecer que a obra, que a actual comissão municipal alli pretende realizar, de há muito tempo se impunha, tendo até sido objecto de uma porfiada companha do extincto jornal a «Semana».

Uma arcaria d'aquella ordem, lembrando muito a rudimentar, a primitiva architectura dos alpendres de aldeia, collocada no centro da nossa importante e formosa villa, é simplesmente horrivel. O forasteiro que, depois de percorrer e admirar a nossa bella rua direita defrontava com a «fonte grande», achava-a decerto uma coisa archaica, como uns restos da Ribeira Grande antiga, engastados com mau gosto da Ribeira Grande do nosso tempo.

Ainda bem que a ex. ma camara desta villa se resolveu agora a metter mãos a obra tão necessaria, e que há muito

tempo se reclamava como um bello melhoramento para a nossa terra. (...)²



Fonte Velha de Castelo de Vide, Alentejo. Segundo o Dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos assemelhar-se-la à Fonte Grande

¹ A *Semana*, Ribeira Grande, N.º 34, 26 de Março de 1910, fl.3.

² *Correio do Norte*, Ribeira Grande, N.º 31, 15 de Fevereiro de 1913, fl.2-3.

Acerca do Terreiro da Forca

Prezadíssimo e ilustre afilhado

Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa. Um dia d'estes, abrindo a carteira de bolso, sempre magra de dinheiro e recheada de papeis, deparei com a tua carta datada de 18 de Outubro do corrente ano, sobre Pelourinhos.

Confesso que fiquei mal humorado comigo mesmo, e porque não dizer tudo? Envergonhado por não ter logo respondido. Apenas recebi a tua carta, fui imediatamente ver os Roteiros, que nada me elucidaram. Depois fui ao Snr. Cónego Cristiano, que tam bem nada me soube dizer, mostrando-me no entanto a *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano Lemos – Porto, e que julgo terás consultado sobre a palavra Pelourinho e sua origem.

Mas como não era isso, que desejas, mas sim fatos concretos d'aqui, e como não tinha pessôa antiga, que m'os fornecesse descuidei-me em responder-te.

Agora sempre apurei alguns dados, que vão na nota, que inclusa te envio. Devo acrescentar, que quando vim para aqui causava-me estranheza, que, em quase todas asa encomendas de missas, vinha sempre uma por alma de Francisco Rapozo, e perguntando eu quem era esse Francisco Rapozo, que interessava tantos parentes e amigos mesmo depois de morto, respondiam-me que não o conheciam, mas que os antigos sempre falavam bem d'ele. Esta superstição, que vai já desaparecendo, vejo por tudo isto, ir mergulhar as suas rafzes na forca. E nada mais tendo a acrescentar, envia-te um grande abraço em Cristo Senhor Nosso.

Teu Padrinho e amigo
P.e Evaristo carreiro Gouveia

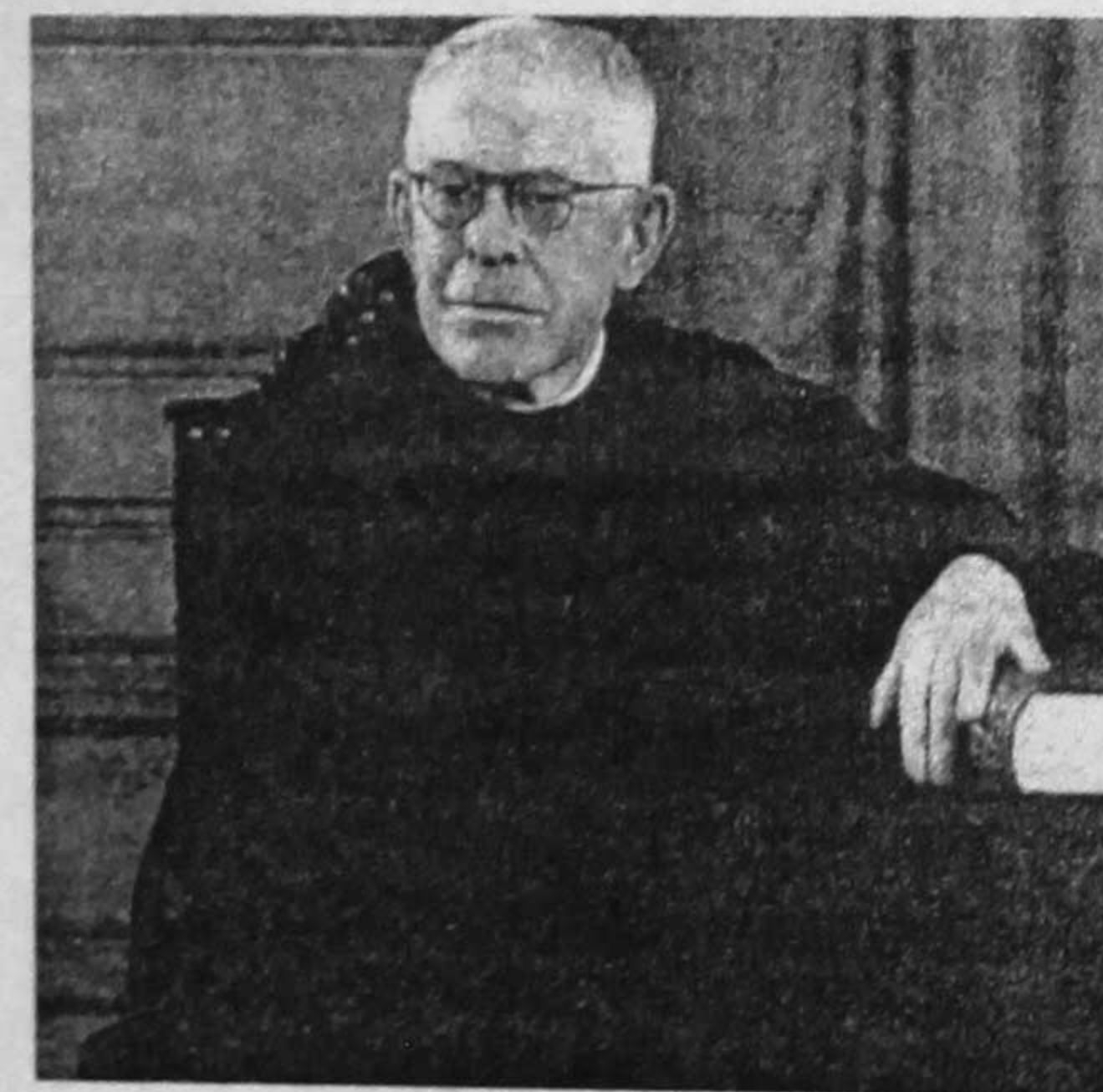
Notas acerca do 'Pelourinho' na Ribeira Grande

O Pelourinho ficava em frente à Câmara. Era uma espécie de pial [sic] com argolas.

No lugar do actual jardim havia um mercado de hortaliças.

A Forca ficava perto do Palheiro ou 'Miradoiro de Santa Luzia'. Era como um balcão. Actualmente esse lugar é chamado: Terreiro da Forca. As pessoas mais antigas falam muito dum Francisco Rapozo que, dizem, teria tomado parte juntamente com outros dois, no assassinato dum Juiz. Por isso, foram à Forca e as suas cabeças foram expostas na Rua de N. S. da Conceição – Rua principal da Vila. Há pessoas que dizem que F. Rapozo teria sido executado inocentemente. Por esse motivo, o invocam em alguma aflicção. Dizem ainda que foi 3 vezes à Forca e que só morreu à terceira vez. – São estas as notas acerca do Pelourinho da Forca. Ribeira Grande, 10-12-1943

Padre Evaristo Carreiro Gouveia
Serviços de Documentação da
Universidade dos Açores, Fundo José do
Canto, 1814 - C



PS: Ainda em Dezembro de 2002, segundo o Padre Edmundo Pacheco, lhe encomendaram missas pela alma de Francisco Rapozo.

Mário Moura

Mário Moura

A Ribeira Grande através dos tempos

Gaspar Frutuoso: 3º quartel do século XVI

'[A Ribeira Grande] Até ao ano de mil e quinhentos e quinze não havia da ponte para a parte do ponente mais de duas casas somente. Mas, veio depois em tanto crescimento, que é agora a maior vila, mais rica e de mais gente que há em todo este bispado de Angra.'

Frei Diogo das Chagas: 1646

'Não tem a Villa de Ribeira Grande mais de huma so freguesia sendo assim que he mui capaz de se fazerem duas ao menos (porque se não he tam grande como a Cidade, he pouco menos que ella) por ser mui grande em si, e numerosa em fogos na qual achei (conforme o liuro do anno de 1642) auer na ditta Villa, 1155 fogos, e 3313 almas de comunhão, e 643 de confissão, somente que comparadas as almas e fogos com as que deixamos apontadas as fol. 173, do anno de 1640 acho crescerem nestes dous annos, 36 fogos e 72 almas maiores e menores, que he o mesmo que de confissão e comunhão e oje que estamos em 1646, muitos mais auera e tudo a Villa sustenta muito bem por sua larguesa e lauranças que são as milhores da Ilha e he de tanto trafego e trato, como a Milhor Villa do Reino, por seus portos secos, que do mar não os tem que [...] tam grandiosa, que a cidade se lhe não acenta e por [...] de ser cidade por discurso do tempo o ade ui[r a ser?].'²

António Cordeiro: 1717 (data de edição)

'Da famoso Villa da Ribeyra Grande, & mais Lugares do Norte. A grande, & rica Villa de Ribeyra Grande he o mayor povo que há em S. Miguel, abayxo da Cidade.'³

John Webster: 1821

'A Ribeira-Grande é em tamanho a segunda povoação da ilha, e tem cerca de três mil habitantes. Nobilita-a o título de cidade, e o seu nome deriva d'um pequeno ribeiro que a atravessa. As ruas são estreitas e irregulares, vê-se pouca gente n'ellas, e por toda a parte prevalece uma nota frizante de tristeza e abandono. As casas são construídas de lava, e são em todo o sentido semelhantes às da capital [...]'⁴

João Sores de Albergaria: 1822 (data de edição)

'Esta vila florescente é uma bela habitação para os estudiosos, e melancólicos que se aborrecem dos tumultos [...]'⁵

Caroline Pomeroy: 1824

Em Agosto de 1824, na entrada de 6 daquele mês, no seu Diário, Caroline Pomeroy descreve assim a sua visita à Ribeira Grande, onde ao que parece, além do jantar, só regista a visita ao mosteiro de Jesus, visita, a julgar pela de Ashe e agora de Caroline, obrigatória: «Voltámos pela Ribeira Grande, que é uma bonita vila.

[...] Depois de repousarmos durante cerca de duas horas visitámos o convento das freiras, mas como todos os parlatórios estavam ocupados só vimos algumas através da grade da Igreja, que também fomos visitar»⁶.

Capitão Boid: 1832 (?)

'[A Ribeira Grande] É a segunda localidade da ilha, em tamanho, parecendo que conta entre doze e treze mil habitantes, incluindo os das duas aldeias adjacentes da Ribeirinha e Ribeira Seca, que são quase contíguas. É, porém, tristonha e mal edificada; suas casas espalham-se quase indiscriminadamente por sobre terreno pedregoso e acidentado, formando ruas estreitas e irregulares junto à costa.'⁷

Joseph e Henry Bullar: 1836-1839

'Na vila, cujas ruas são mais largas e limpas do que as de Ponta Delgada, não se notava grande movimento comercial. Um ou dois padres de batinas apertadas, um grupo de ociosos debruçados ou encostados ao parapeito da ponte, um comerciante de panos, de casaco de linho cor de laranja, bocejando à porta da loja, um grupo de homens comendo favas torradas numa taberna; um morgado à varanda em mangas de camisa enxovalhada; burros, porcos, galos e galinhas rodeadas de ninhadas de pintainhos côr de limão, de mistura com um ou outro grave capote azul de mulher, a sarcotear-se ao Sol, eis os personagens da rua nesta vila, semelhantes aos que deixáramos em Vila Franca'.⁸

Elisa W. Nye: 1847

'Segunda-feira, 25 de Outubro. A tia Mary Ann chamou-me às cinco e meia dizendo-me que me apressasse quanto possível, pois que teríamos de almoçar e partir para a Ribeira Grande. O Roberto arranhou uma carruagem para a

tia Mary Ann, o sr. Coggeshall, Henrique e eu, ao passo que ele foi a cavalo. A Ribeira Grande é muito maior do que Vila Franca, sendo a segunda em tamanho na Ilha, com cerca de 8 000 habitantes. Tira o seu nome de uma pequena ribeira que a atravessa. As ruas são largas e muito regulares, com várias casas muito formosas'.⁹

Leopold von Jedina: 1874-1875

'Na nossa frente, espriava-se a costa e para descanso da vista não havia senão algumas planícies em redor da Ribeira Grande, prolongando-se para longe, cobertas na sua quase totalidade por campos monótonos de trigo, com excepção de Capelas, de aspecto agradável. A circulação mais activa na estrada denunciava a vizinhança da Ribeira Grande, a cuja ampla praça chegámos às 8 horas, depois de atravessarmos longo arrabalde. Em breve

percorremos a praça com suas árvores, a câmara municipal, de belo aspecto, e as principais ruas; por toda a parte observámos asseio e ordem, tudo, porém, com o cunho inevitável de terra de província. Dispensámos maior atenção à igreja, edificio não desprovido de beleza no seu conjunto e cujo altar-mor, sobretudo, se torna verdadeiramente notável pelas suas esculturas. Não pudemos deixar de rir com o aspecto de muitas mulheres, que, embocadas nos capotes e parecendo profundamente absortas em suas rezas, seguiam, no entanto, com grave atenção, os movimentos dos estrangeiros.

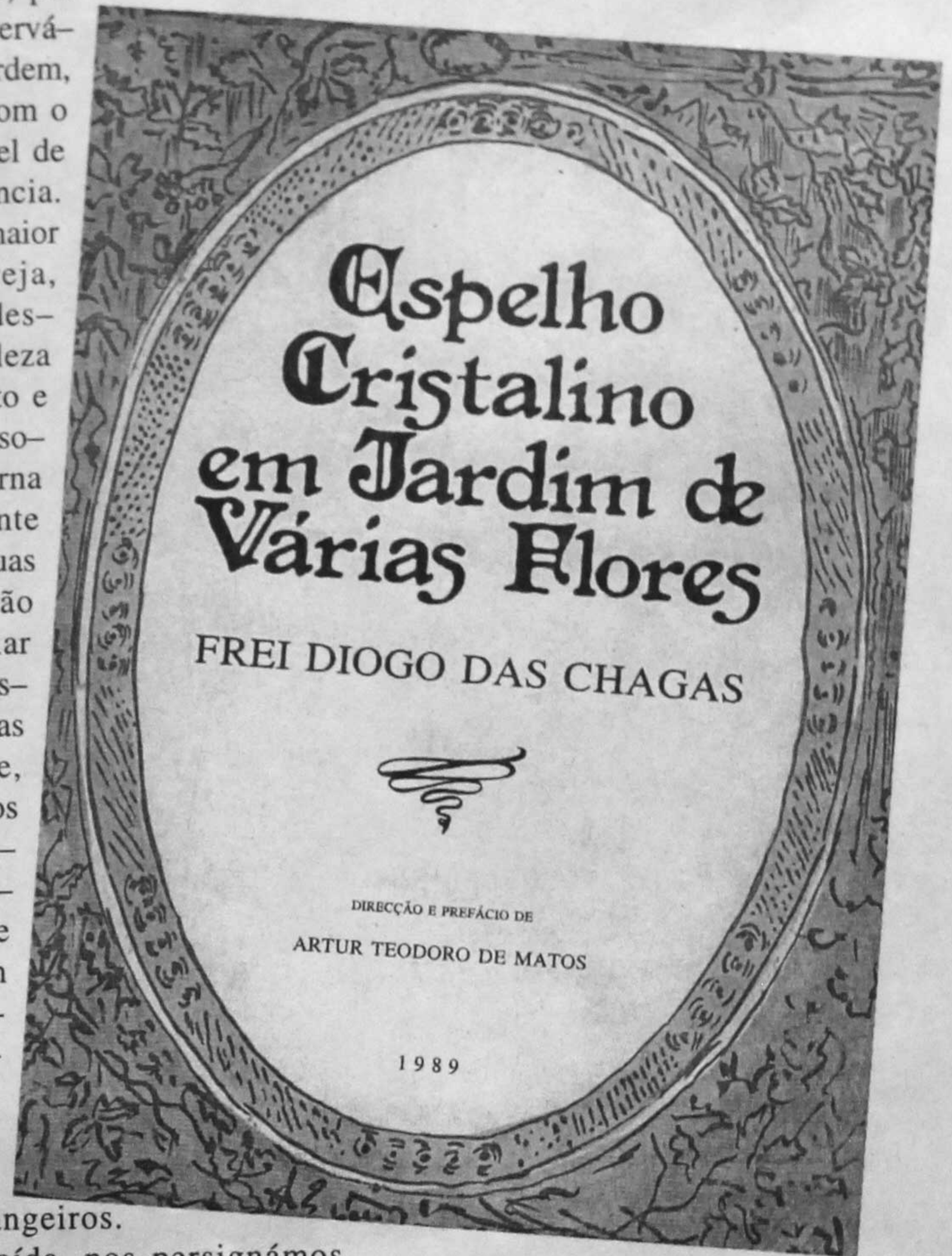
Quando, à saída, nos persignámos, murmuraram com extraordinária admiração: - São cristãos! Como todas as vilas de S. Miguel, foi a Ribeira Grande outrora fortificada, principalmente do lado do mar. Na visita que fizemos ao velho forte do norte, observámos uma ressaca de enorme violência. As vagas rolavam em baixo, quebrando-se contra a muralha de granito com um ruído de trovão e com tanta violência que a faziam estremecer'.¹⁰

Cónego Cristiano Borges de Jesus: 1903 (data de edição)

'E assim tem vindo, pelos annos adeante, a engrandecer-se, a enriquecer-se, a notabilizar-se, na sua industria, no seu commercio, na agricultura, a Villa da Ribeira Grande, a qual só poderá queixar-se da falta d'um porto abrigado; pois que, se o possuísse, era ella que estava destinada de há muito a ser a capital da ilha de S. Miguel. \Dest' arte não será para admirar que essa importante e laboriosa villa, rivalisando e até mesmo excedendo muitas cidades do continente do reino, venha tambem, mais tarde a gosar fóros de cidade. \A Ribeira Grande, pois, pelas suas especiaes condições, pela tenacidade dos seus habitantes, tem reservado um grande futuro.'¹¹

Dr. Francisco Carreiro da Costa: 1948

'O concelho da Ribeira Grande, parcela notável dentre as mais que constituem todo o distrito de Ponta Delgada. Conquanto considerado o segundo em importância, devido ao facto do de Ponta Delgada beneficiar da circunstância de ter nele a sede do Distrito, a verdade é que este concelho da Ribeira Grande, é o cofre da ilha de S. Miguel - a arca onde esta conserva tudo quanto de melhor e de mais proveitoso possui [...]'¹²



Raquel Soeiro de Brito: 1955 (data de edição)

'A Vila da Ribeira Grande (8.000 habitantes) é actualmente a mais importante de São Miguel, tanto pelo número de habitantes como por ser a única que apresenta um ar urbano, com um jardim público onde se encontra sempre gente que passa, no vaivém diário, ou permanece cavaqueando, e um conjunto de elegantes edificios: que a tornam "mais graciosa do que muitas outras" (G. Frutuoso), tal como no século XVI.'¹³

¹ Gaspar Frutuoso, Saudades da Terra, liv.4, vol.2, fl.103, ICPD, 1981.

² Frei Diogo das Chagas, Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores, 1998, 162-163.

³ António Cordeiro, história Insulana, SRAC, 1981, fl.142.

⁴ John Webster, Arquivo dos Açores, v.14, UA, 1983, p. 33.

⁵ João Soares de Albergaria, Corografia Açórica, Jornal de Cultura, 1995, p. 77.

⁶ Pomeroy, Caroline, Diário, in 'Insulana', Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997, v. 53, p. 107.

⁷ Captain Boid, Descrição dos Açores ou Ilhas Ocidentais, Insulana, v. 7, 1951, n.º 3-4, p. 335.

⁸ Joseph e Henry Bullar, Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas, 2.ª edição, ICPD, 1986, p. 153.

⁹ Elisa W. Nye, Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro Slyph em Julho de 1847, ICPD, 1973-1974, v. 29-30, pp. 64-65.

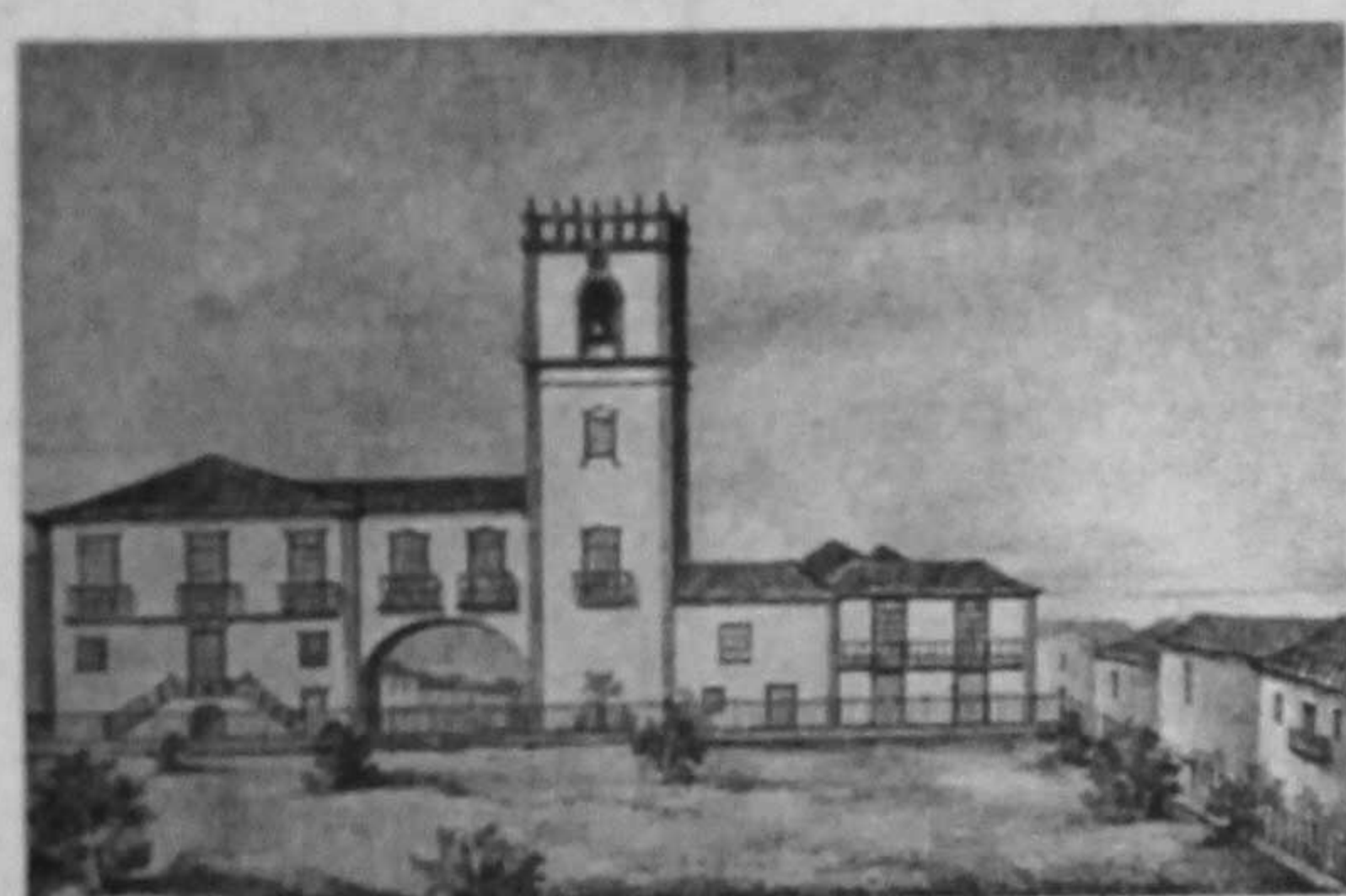
¹⁰ Leopold von Jedina, A corveta Helgoland da Marinha de Guerra Austríaca no porto de Ponta Delgada, em 1874-1875, Insulana, pp. 397-399.

¹¹ AAVV, Album Açoriano, Lisboa, Editores - Oliveira e Baptista, 1903, p.135.

¹² Francisco Carreiro da Costa, A lição da Ribeira Grande, Ponta Delgada, 1949, fl. 7-8.

¹³ Raquel Soeiro de Brito, A Ilha de São Miguel - Estudo Geográfico, Lisboa, Instituto de Alta Cultura - Centro de estudos Geográficos, 1955, p.189.

Imagens do Jardim de Ribeira Grande



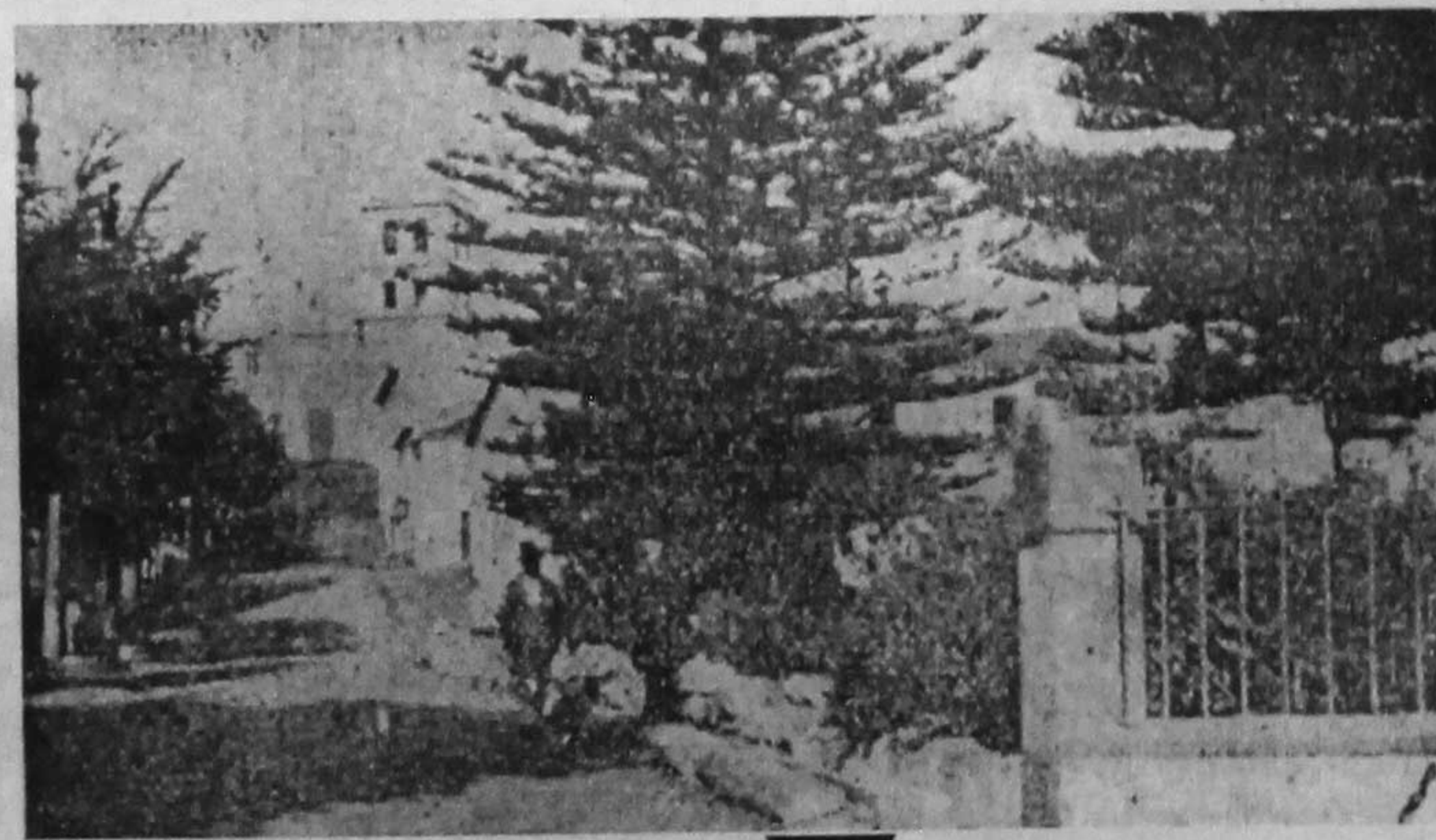
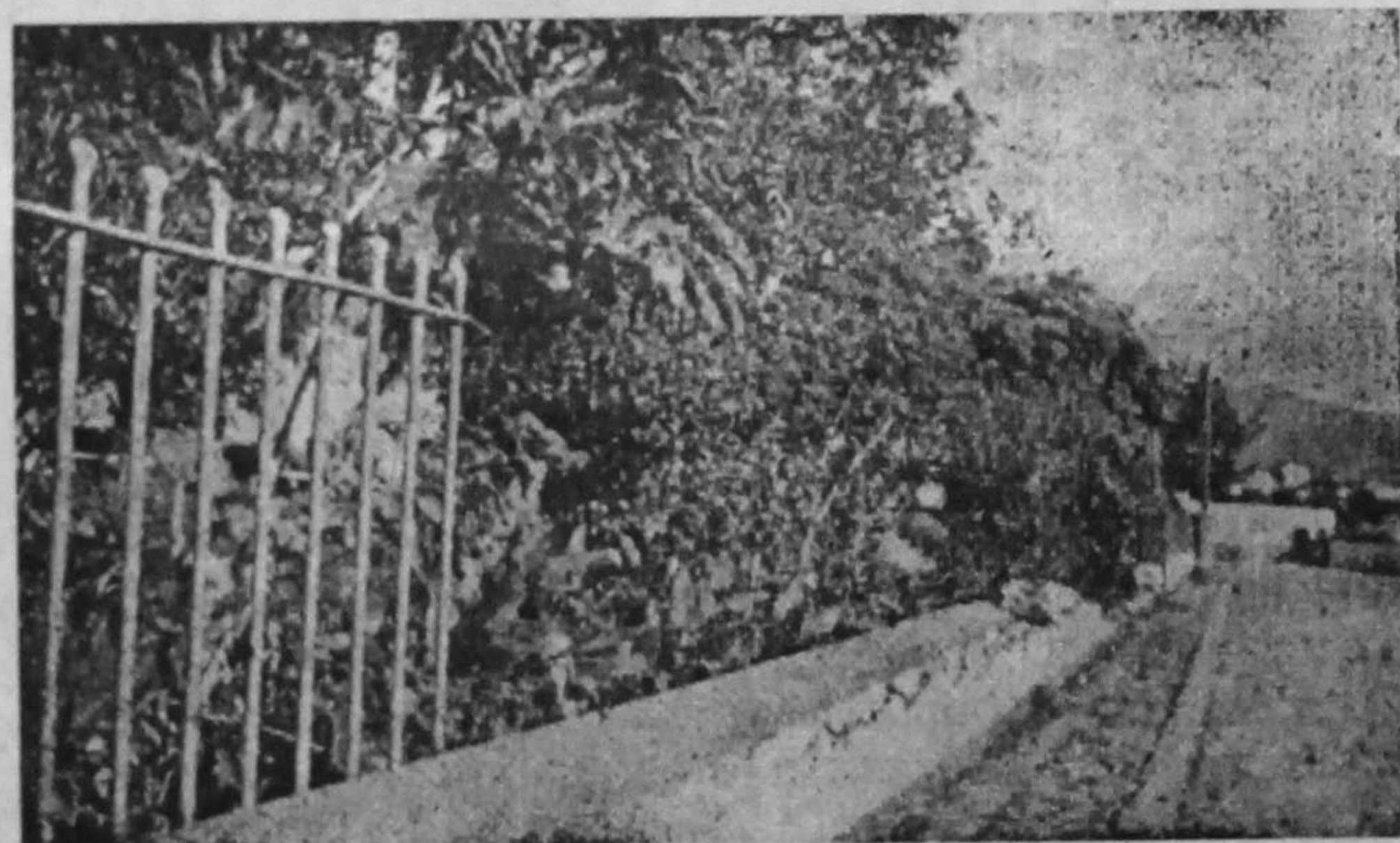
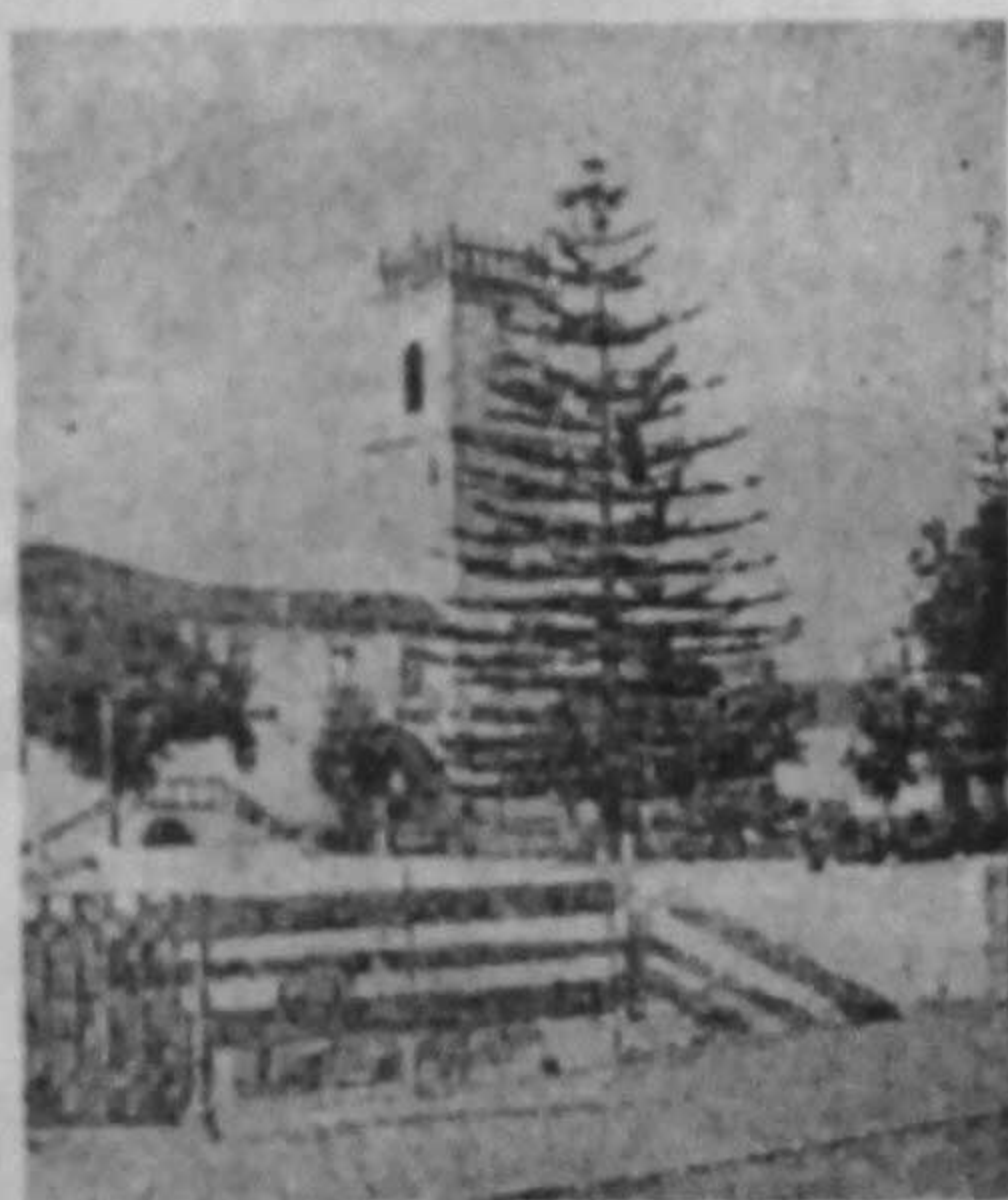
cerca de 1858 - gravura do álbum de Cândido Abranches



finais do Séc. XIX, inícios do séc. XX



cerca de 1919



aspectos da destruição provocada pela grande cheia de Agosto de 1919



1931



1941

O Jardim da Minha Infância



As árvores eram mais novas e deixavam passar melhor a luz para as flores dos canteiros que cresciam viçosas e coloridas.

No Jardim da minha infância havia alegria e crianças a brincar. Os namorados também aproveitavam para estarem mais perto das noivas e quebrarem assim o jejum de afastamento obrigatório que o regime vigente do namoro à distância lhes impunha.

Não existiam ainda as poderosas raízes que, à flor da terra, algumas árvores ostentam hoje como a que convidar os bancos que as circundam a desviarem-se para fora delas, para maior comodidade das pessoas.

Era mesmo uma pequena preciosidade, o jardim da minha meninice. Situava-se no coração da então Vila-Cidade, a quase igual distância do Teatro e do lindo edifício da Câmara Municipal.

Mas os tempos mudaram e os jovens, libertos de antigos constrangimentos, procuram outros locais de lazer mais consentâneos como o seu novo modo de ser e estar na

vida.

Que fazer agora com esta nossa antiga jóia, com este verdadeiro "ex libris" da Ribeira Grande?

Talvez seja ainda possível a recuperação adequada deste precioso espaço. Talvez seja ainda viável de criação com êxito de espaços verdadeiramente lúdicos e de cultura para os mais novos, sem esquecer os idosos que são em cada vez maior número.

O futuro é dos jovens, ajudemos a prepará-lo!

Os Hiffen



R.M.- A vossa banda é constituída por quem?

R.M.: Nuno Pereira, baixo, 23 anos; Renato Medeiros, guitarra solo, 20 anos; Lizardo Melo, guitarra ritmo, 22 anos; Catarina Medeiros, vocalista, 17 anos; Mário Tavares, bateria, 21 anos e Rui Sousa, teclas.

R.M.- O vosso grupo surgiu quando?

R.M.- O grupo "Hiffen" em si surgiu há 5 anos, mas a constituição actual só existe há um ano. Neste momento a banda apresenta-se com bons músicos, pois alguns membros já foram vencedores de concursos, em particular Mário Tavares



que venceu o concurso de baterias e o Renato Medeiros que venceu o concurso de guitarra solo Açores.

R.M.- Por que escolheram o nome "Hiffen"?

N.P.- "Hiffen" significa união e foi o que aconteceu nesta banda. Começou por apenas três pessoas a que mais tarde se juntaram o Renato e a Catarina.

R.M.- Que tipo de músicas vocês tocam?

R.M.- A maioria das bandas consegue distinguir o seu estilo de música, porque quando estão a ensaiar ou a tocar relacionam aquilo que tocam com certos

estilos de música, o que não acontece connosco. Nós tocamos *rock, metal, power metal* e toda esta junção dá origem a um estilo de música a qual não sabemos o nome.

R.M.- E as músicas são escritas por quem?

R.M.- Eu escrevo músicas e letras. São escritas em casa, à parte, e depois são trabalhadas pelo resto da banda. Neste momento já estão compostas doze músicas.

R.M.- Quanto a trabalhos já realizados?

R.M.- A nível de trabalhos estamos muito atrasados devido a uma pessoa, que é o nosso *manager*, que promete muito e pouco faz.

C.M.- Isto sem querer deixar ninguém mal!! É claro.

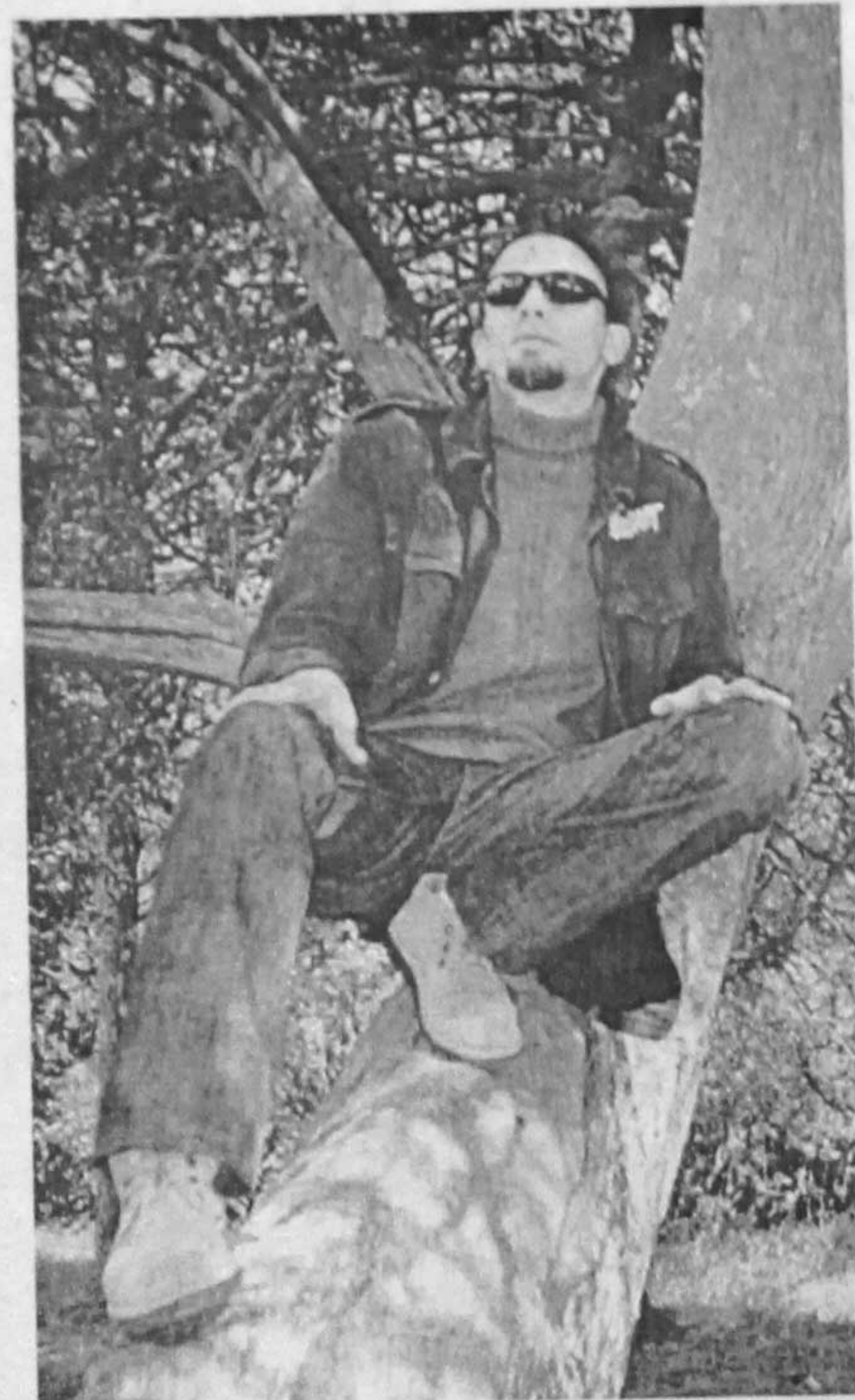
R.M.- Mas mesmo assim já tivemos diversas actuações: Santa Maria, Giestas Rock, S. Pedro (P.Delgada), Pub-Bar Escala, Porto Formoso e festas da cidade, que por acaso foi o melhor espectáculo até agora, a nível de palco, som e público.

R.M.- O dinheiro ganho nessas actuações é utilizado em quê?

R.M.- O dinheiro das actuações reverte para a banda em geral, para material específico. Pois cada músico investe no seu próprio material.

R.M.- Quanto a ajudas. O que é que vocês acham?

R.M.- Acho que somos a única banda cá que nunca pediu ajuda para nada, nunca mandámos uma carta e nunca telefonámos para uma Câmara Municipal a pedir ajuda. A banda está a desenrascar-se sozinha, já temos gasto em material à volta de 22,500 euros (4500 contos), o que já é muito. Quanto à possibilidade de pedirmos ajudas é óbvio que não está fora de questão, principalmente agora que vamos gravar um CD. Neste momento, o



orçamento do CD é de 2500 euros (500 contos), mas é certo que não iremos pedir à Câmara da Ribeira Grande este total.

Nós temos noção que estas entidades têm outras coisas para se preocuparem, mas é preciso não esquecer que "Quem ajuda dá esmola"

R.M.- E quanto a projectos para o futuro?

R.M.- Em meados deste mês vamos começar a gravar um CD, que vai ser lançado a nível nacional e a nível promocional para o estrangeiro, para rádios e editoras tipo a Sony, EMI.

No Verão que vem a banda irá lançar o CD, primeiro no Canadá e América, e só depois na Ribeira Grande.

Neste momento todo o público interessado poderá contactar-nos através do nosso site WWW.HIFFEN.4T.COM

Rita Medeiros e Ângela Medeiros



Abertura solene do Instituto Gaspar Frutuoso: 18 de Outubro de 1914



'Realisou-se domingo passado, pela uma hora da tarde, com grande assistência de senhoras e cavalheiros, a abertura solene do Instituto Gaspar

Frutuoso. Tomou a presidência o sr. Manuel B. Velho de Mello Cabral digno administrador deste concelho, assistindo também o presidente da Junta sr. Lucindo Ferreira Machado e o sr. João Cabral de Mello e Silva vice provedor da Confraria do Santíssimo da Matriz d'esta villa. A abertura foi anunciada pela filarmónica «Voz do Progresso» desta villa. Nesta ocasião leu o brilhante discurso o sr. António Tavares Torres, que falou na instrução e no melhoramento que esta villa há muito reclamava. Em seguida pronunciou palavras eloquentes o rev.º Sr. Conego Damazo, que espoz a vida e o talento do sempre lembrado

dr. Gaspar Frutuoso. Pronunciou também palavras de agradecimento a todos, o sr. Ezequiel Moreira da Silva director deste Instituto.

Aos illustres professores os nossos sinceros parabens de tão louvada idéa e agradecemos o convite que nos foi feito.¹ Pela pena de José de Sousa Caloura, avô do nosso colaborador, Sr. Padre António Rocha, ficamos a saber muito mais: 'E' com verdadeira satisfação que registo nesta secção o estabelecimento d'este collegio na minha terra. Já de há muito que na Ribeira Grande se fazia sentir a falta d'um Instituto d' esta natureza que certamente veiu preencher uma lacuna. Acentuar a sua utilidade é um dever que imperiosamente se nos impõe e bem assim pela alta significação e pelo subido conceito de entusiasmo que a ideia da criação d'este collegio despertou em todos os Ribeiragrandenses. O Instituto Gaspar Frutuoso será, cremos bem, um collegio modelar, attentas as superiores qualidades que exornam os seus professores, porquanto sabemos os dotes de intelligencia

e as belas qualidades moraes que cada um d' eles têm. O Rev.º Conego Damazo, o sr. Laurindo de Melo Garcia e o nosso amigo Ezequiel Lopes da Silva reune os predicados indispensáveis para bem se desempenharem da honrosa missão de que se incumbiram. O nome de «Gaspar Frutuoso» que o Collegio tem é um dos nomes que honram sobremaneira a Ribeira Grande, (...). Sabemos que este Instituto á subsidiado pela nossa Camara, Junta da parochia e Irmandade do Santissimo da Matriz (...). Essa luz será tanto necessário, conforme as trevas em vivermos. E todos sabem que muitas creanças ao terminarem o seu exame primario do 2.º grau ficam inativas e sem poderem proseguir pela falta de meios para sustentarem em Ponta Delgada aonde iriam para o Lyceu. Assim com um collegio da natureza do Instituto Gaspar Frutuoso, ficam aptas pelo menos a cursarem gratis até ao 3.º ano e bem assim aqueles que o quizerem, pois ficariam sabendo mais alguma coisa. (...) Honra àqueles que trabalharam pela sua criação (...).²



Director, Ezequiel MÓreira da Silva, e alunos do Instituto Gaspar Frutuoso

¹ *Correio do Norte*, Ribeira Grande, N.º 21, 24 de Outubro de 1914, fl.3.

² *Correio do Norte*, Ribeira Grande, N.º 21, 24 de Outubro de 1914, fl.3.

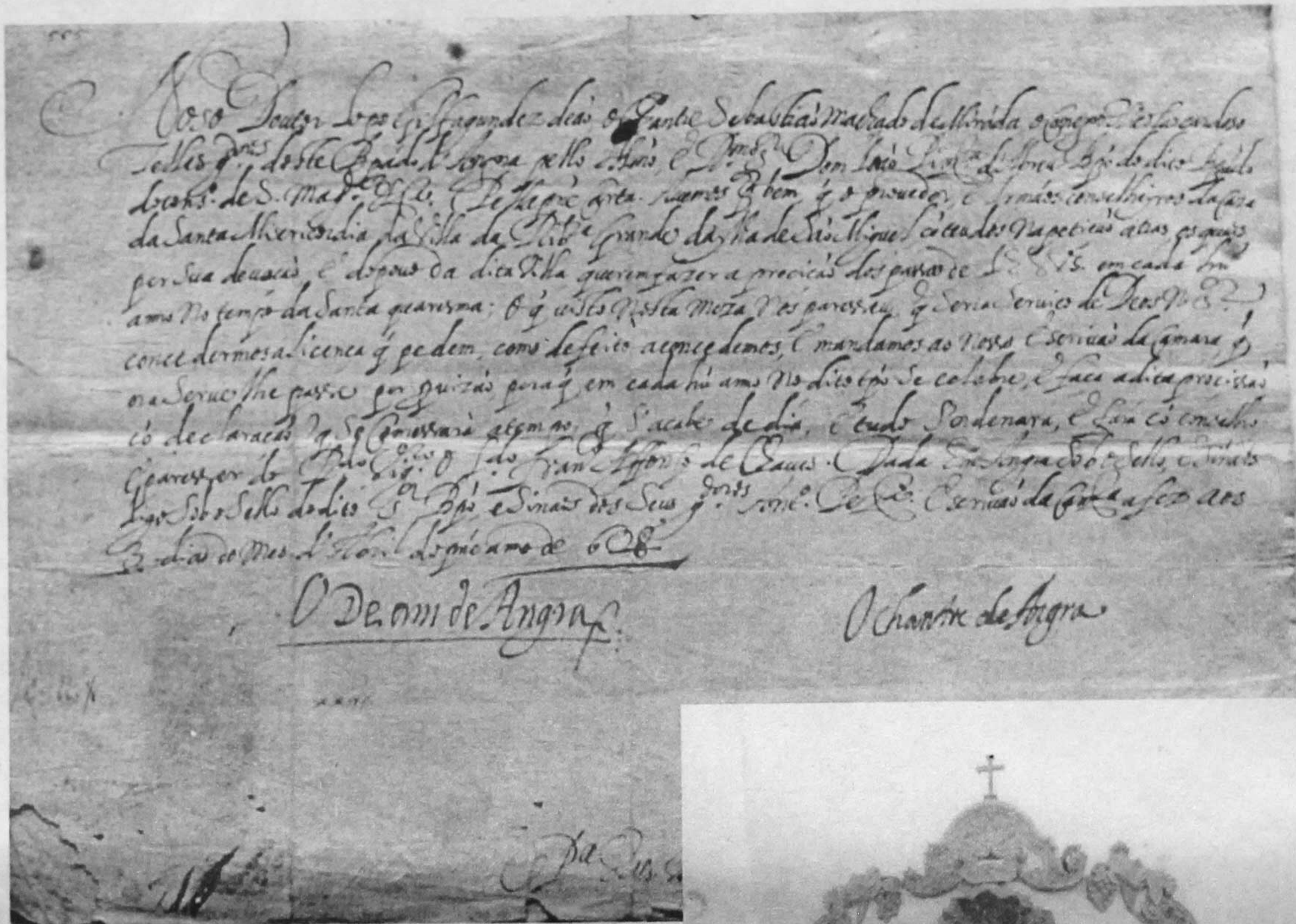
Célia Cabral Pereira

Igreja do Espírito Santo, ou Igreja do Senhor dos Passos ou ainda da Misericórdia Velha

A ermida do Espírito Santo, sita à Praça Municipal da Cidade de Ribeira Grande, é conhecida por igreja da Misericórdia e igreja do Senhor dos Passos. Do Espírito Santo, por ser este o seu orago; da Misericórdia, por ter sido anexa o Hospital da Santa Casa da Misericórdia; do Senhor dos Passos, por nela se realizar a Festa do mesmo nome. Naquele local, em 1522, já existia uma ermida do Espírito Santo. Gaspar Frutuoso, ao enumerar as ermidas sufragâneas de Nossa Senhora da Estrela, diz-nos que havia 'a do Espírito Santo, que é um Hospital para pobres e doentes, situado junto à praça...'¹ Porém, só aos 7 de Novembro de 1592 a Câmara propõe e é aceite a ideia de se fazer na Vila uma Misericórdia assentando 'que fosse na igreja do Espírito Santo, onde, de presente, estava o hospital, contíguo à praça, por ser sítio bastante para as oficinas que a dita Casa havia mister.'² A nova irmandade obtém autorização

do bispo D. Manuel de Gouveia, aos 14 de Fevereiro de 1593.³ Perto de meados do século XVIII e prolongando-se até quase finais do mesmo século, procedeu-se à reconstrução do templo, suas dependências, bem como à construção dos passos quaresmais em pedra e cal.⁴

As obras decorriam quer no interior quer no exterior: 'o gasto que fez com a



condução da água da fonte que corre no frontispício desta Santa Casa que emportou em trinta e cinco mil oitocentos e oitenta Reis e também apresentou o gasto que fez o soalho da igreja'.⁵ Ou ainda, 'acordarão se fizesse vistoria no retábulo do Altar de Nossa Senhora do Amparo cujo fez o mestre Dionzio de Fontes e na sua presença se avaliou pela mesma Mesa toda a obra'.⁶

Finalmente, em 1790, os irmãos estendem a sua acção às ermidas dos Passos: 'Fazer os Santos Passos de pedra e cal a imitação dos Passos da Cidade e da Vila da Lagoa'.⁷

O Hospital da Santa Casa é transferido oficialmente para o extinto convento de Nossa Senhora da Guadalupe, onde hoje se encontra, em 1839. A solenidade do Senhor dos Passos que aí se celebrava desde o século XVIII passou durante alguns anos a ser celebrada na igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, tendo de seguida regressado à ermida do Espírito Santo. A Irmandade do Senhor dos Passos, autónoma da Santa Casa de Misericórdia, foi criada oficialmente no ano de 1888.⁸



¹Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, 1981, lv.4, v. 2, p. 107

²Alverne, Frei Agostinho de Monte, *Crónicas da Província de S. João Evangelista e ilhas dos Açores*, 1961, v. 2, p.

³Idem

⁴ASCMRG, *Receitas da Santa Casa da Misericórdia*, 1725..., 1748, fl. 96

⁵Idem [4 de Julho de 1778] fl. 94

⁶Idem [12/01/1775], fl. 83.

⁷Idem, ibid, [11/07/1790], fl. 142 v.

⁸Estatutos da Irmandade do Senhor dos Passos na Villa da Ribeira-Grande, Typographia do Noticiarista, Ribeira Grande, 1889.